

**Nove livros de Jean Lauand em *Collectaneae*,
nova série da Editora Cemoroc**
(os livros estão disponíveis em: <https://cemoroc.fe.usp.br/page5.html>)

Sylvio R. G. Horta¹

O autor

Jean Lauand é Professor Titular Sênior da Feusp, fundador e presidente do Cemoroc. Professor pesquisador da Universitat d'Alacant (Espanha) e da Universidade do Porto (IJL, de 2003 a 2019). É membro da Real Academia de Letras de Barcelona (correspondente). Membro do Corpo de Redatores do “Grande Dicionário Houaiss”. É também professor colaborador do Colégio Luterano São Paulo. Algumas de suas especialidades como pesquisador serão enumeradas ao elencarmos os temas desta coleção.

Trata-se de um professor incomparável. Nos seus 29 anos de magistério na FEUSP (até aposentar-se em 2009 e, desde então, continuar como professor Sênior na Pós-Graduação), foi em mais de 20 ocasiões formalmente distinguido pelos seus alunos: como Patrono dos formandos (5 turmas levam seu nome), como Paraninfo (em 8 formaturas) e como Professor Homenageado (10 vezes)!

No *Dedalus*, sistema de bibliotecas da USP, na busca pelo autor Jean Lauand, encontramos mais de 800 publicações (mais da metade são artigos científicos). No currículo Lattes do autor, encontram-se referenciados 450 artigos científicos de sua autoria.

A maioria desses estudos foram publicados nas diversas revistas (algumas hoje desativadas) que o Cemoroc fundou desde 1997 (<http://www.hottopos.com>) e encontram-se disponíveis na Internet: Revista Internacional d'Humanitats, Notandum, Convenit, International Studies on Law & Education, Mirandum, Collatio, Videtur etc.

Pareceu-nos bem aos Diretores do Cemoroc agrupar tematicamente em livros, seleções desses artigos para facilitar aos estudiosos da imensa produção de nosso Presidente a pesquisa sobre sua multifacética obra – os e-books facilitam imensamente a busca por palavras-chave. A coleção em geral mantém a forma original de cada artigo (alguns são reedições de originais bem antigos), mesmo com a ocorrência de algumas inevitáveis repetições de uns quantos parágrafos e exemplos.

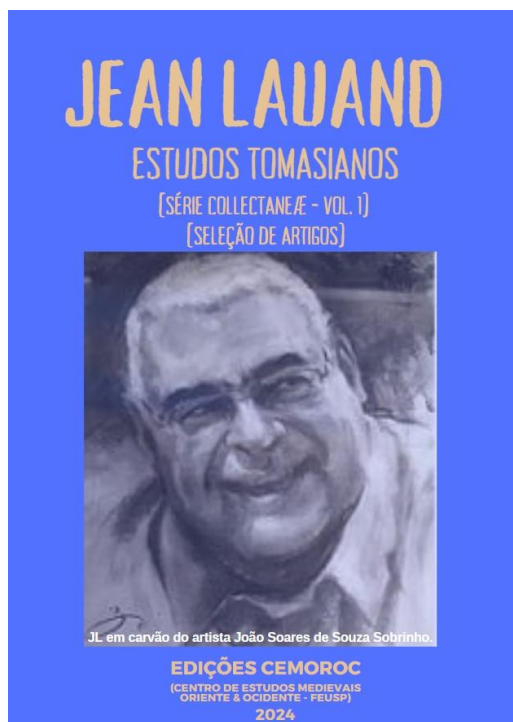
A série *Collectaneae* – neste caso, uma “Lauandiana” – comporta grandes temas (que naturalmente não são estanques...) desse autor, como os seguintes, já publicados:

¹ Professor da área de Chinês do Dlo-Ffchusp. Editor de Internet do Cemoroc.

1. Estudos Tomasianos
2. Estudos Pieperianos
3. Estudos Árabes
4. Estudos Keirseyanos
5. Estudos sobre a Linguagem
6. Abroad – seleção de 50 artigos (em 14 línguas e 25 países)
7. Religião e Sociedade
8. Estudos Medievais
9. Outros Estudos

Quem acompanha a obra do Prof. Jean Lauand sabe muito bem da originalidade e pioneirismo do autor em seus artigos e com esses agrupamentos – que perfazem 3500 páginas – poderá melhor aprofundar em suas contribuições.

Volume 1: Estudos Tomasianos



Além dos artigos recolhidos nesse volume, Lauand publicou também livros com traduções (e estudos introdutórios) de obras de Santo Tomás, todos já em segunda edição: **Verdade e Conhecimento** (2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011); **Sobre o ensino (*De magistro*) / Os sete pecados capitais** (2. ed. São Paulo: Selo Martins, 2004); **Prudência, a virtude da decisão certa** (2. ed. São Paulo: wmfMartinsFontes, 2014) e **Cultura e Educação na Idade Média** (2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013).

O ano de 2024, um ano de homenagens a Tomás de Aquino, assinalou exatos 750 anos da morte daquele que foi “o último grande mestre de um cristianismo ainda não dividido” (Pieper), um autor muito cultivado no Cemoroc.

Se o tomismo está hoje quase “na moda” em certos setores de nosso cenário intelectual, há 30 anos (e mais) quando Lauand começou a publicar sobre o Aquinate, ele era praticamente uma voz isolada em nosso meio acadêmico. Aliás, diga-se de passagem, nosso autor nunca aceitou a própria existência de um “tomismo”: Tomás é grande demais para ser encerrado em um “ismo” – a abertura de seu pensamento e sua “negatividade” (*philosophia negativa e theologia negativa* – a aceitação do mistério fundacional do mundo, que limita o conhecimento) impedem qualquer “sistema” tomista, como pretendem alguns epígonos.

Dos artigos aqui recolhidos, alguns são especialmente notáveis pela originalidade e importância – e por confrontar o verdadeiro Tomás com o tomismo engessado –, como é o caso de:

– O Deus que brinca: fundamentos lúdicos da realidade (tema de sua Prova de Erudição no concurso de Professor Titular da Feusp - 2000)

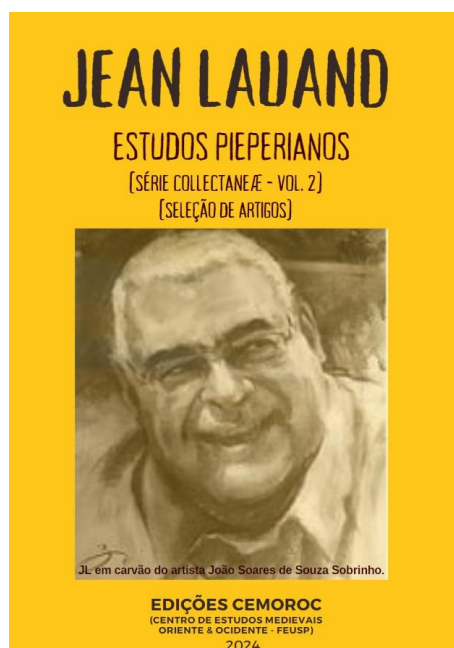
– Antropologia e Formas quotidianas - a Filosofia de Tomás e nossa Linguagem do Dia-a-Dia. (este artigo tem sido plagiado por ilustres conferencistas e palestrantes...!)

– O pecado capital da acídia e o mal-estar na contemporaneidade (resgate do clássico pensamento tomasiano sobre esse pecado capital, face ao esquecimento desse conceito, fundamental para a Antropologia).

– Criação, Participação e Graça (um dos tantos estudos que inauguraram em nosso meio a apresentação do conceito de participação, essencialíssimo no pensamento de Tomás). Diversos outros artigos também versam sobre a *participatio*.

– A virtude da prudência - implicações éticas e existenciais (resgate do clássico conceito tomasiano dessa virtude cardeal, face às deturpações que a palavra tem sofrido nos tempos modernos).

Volume 2: Estudos Pieperianos



Josef Pieper (1904-1997) foi o grande responsável pela redescoberta do verdadeiro Tomás de Aquino como um pensador vivo, vibrante e aberto, de extrema atualidade, para além de um “tomismo” oficial e de sacristia, que persiste ainda hoje... Para JP, Tomás é “o último grande mestre de um cristianismo ainda não dividido”, grande demais para ser encerrado em um “ismo” em um “sistema” gerador de compêndios para uso de seminários de religiosos conservadores e tradicionalistas.

Pieper nunca aceitou sequer a existência de um “tomismo”: o que ele afirma, sim, é a abertura do pensamento de Tomás para o todo do real e sua “negatividade” (*philosophia negativa e theologia negativa* – o acolhimento do mistério fundacional do mundo, que limita o conhecimento).

Respeitando plenamente a autonomia do filosofar, Pieper não tem nenhuma pretensão de “isenção de pressupostos” teológicos (e em sua crítica mostra que a *Voraussetzungslosigkeit* é, na verdade, impossível, mesmo para um filosofar ateu, que – *malgré lui même* – acaba se assentando implicitamente em alguma tradição teológica). E precisamente a Criação (*Kreatürlichkeit*) é para JP o tema central da reflexão antropológica. Criação que é obra de toda a Trindade: também da Inteligência do Verbo que ao conferir o ser dá à criatura sua inteligibilidade (e com isso o inesgotável mistério para o conhecimento humano).

Sendo Tomás anti-maniqueu e aceitando plenamente como bons o corpo e a matéria, JP adota o epíteto “Tomás do Deus Criador” (e nunca empregou o usual “Doutor Angélico”).

Pieper não se limitou a estudar Tomás: sua profunda compreensão de Platão trouxe também vivamente o filósofo ao diálogo filosófico contemporâneo. E o mesmo o fez com outros clássicos como Aristóteles e Agostinho.

Recusando qualquer uso de hermética terminologia, JP está convencido que o autêntico filosofar opera com e sobre a linguagem comum, a que todos usamos cotidianamente.

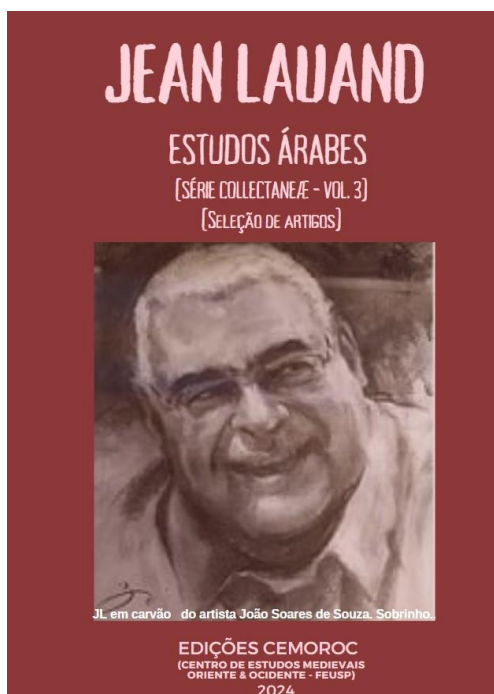
Só com apontar esses traços do pensamento pieperiano, o leitor já adverte que são também as características do filosofar de Jean Lauand, provavelmente o primeiro a defender doutorado sobre JP, nos idos de 1986, orientado por dezenas de cartas trocadas com o próprio filósofo de Münster. Sua tese foi publicada no ano seguinte, pelas editoras Perspectiva/Edusp: **O que é uma Universidade**. Introdução à filosofia da educação de Josef Pieper.

No final do século XX e ao menos no começo do XXI, Pieper foi o filósofo mais lido pelo público em geral na Alemanha e sua obra goza de imenso prestígio nos 24 países (e 18 línguas) em que foi traduzida. Poucos anos antes de morrer, Pieper escreveu a Lauand autorizando-o a publicar seus artigos e livretos. Daí que nossas revistas tenham 25 traduções de JP (reunidos em e-book: **Pieper no Cemoroc** (www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page5.html)).

Nossas revistas têm publicado também dezenas de artigos do Dr. Berthold Wald (Univ. Paderborn), escolhido por Pieper como administrador e continuador de sua obra.

Dos artigos aqui recolhidos de Jean Lauand – de longe o maior promotor do pensamento pieperiano entre nós –, destaca-se: “Método e Linguagem no pensamento de Josef Pieper” (que publicamos também no original em espanhol), notável por sua profundidade e clareza.

Volume 3: Estudos Árabes



Jean Lauand, neto de libaneses, cursou em 1990 e 1991 – no Departamento de Letras Orientais da Fflchusp – as disciplinas de Graduação de Língua, Literatura e Cultura Árabes, ministradas pelos Prof. Dr. Helmi Nasr e pela Profa. Dra. Aida Hanania.

Foi o início de uma duradoura parceria com esses expoentes dos estudos árabes em nosso meio acadêmico – extremamente fértil em produção de livros e artigos, criações editoriais e na fundação do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabes no DLO-Fflchusp (1994).

A tese de Livre-Docência (1996) de Jean Lauand na Feusp foi precisamente sobre os *amthal* (provérbios) árabes e seu alcance pedagógico.

Com Nasr e Hanania, Jean Lauand fundou a “Revista de Estudos Árabes”, “Collatio” (revista árabe do Cemoroc, em parceria com a Universidad Autónoma de Madrid), a coleção “Oriente & Occidente” (com 10 livros publicados), lecionou no então recém-criado Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Árabe, foi coordenador desse Programa, orientou dois mestrados etc.

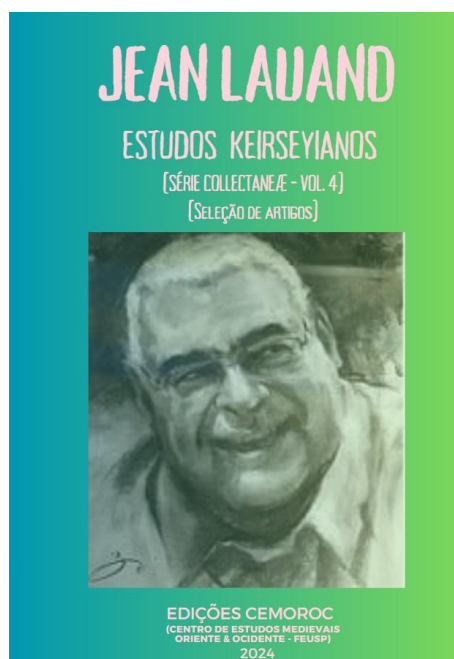
Nos artigos sobre Helmi Nasr e Aida Hanania, recolhidos neste volume, o leitor encontrará mais informações sobre essas parcerias, tão fecundas e fundacionais.

A abertura desse livro é um pequeno clássico lauandiano: “*Al-Insan*: p homem, um ser que esquece”.

Dos artigos nesse livro recolhidos, especialmente importante é “O sistema Língua/Pensamento árabe”, no qual se discutem sete características dessa língua (na verdade, do “Sistema Língua/Pensamento”), que marcam um notável contraste com o Sistema Ocidental. São fenômenos incríveis dessa língua, fundamentais para compreender significativas características das mensagens religiosas e também tantos outros aspectos da cultura árabe e semita em geral. Como fica claro, por exemplo, nos estudos sobre a ciência da Álgebra e o complexo papel dos provérbios e metáforas na *Weltanschauung* árabe.

Dentre tantas contribuições árabes para a cultura ocidental, o leitor encontrará também o jogo de xadrez. O livro traz também uma sugestiva análise da canção “Águas de Março”, do ponto de vista oriental.

Volume 4: Estudos Keirseyanos



O norte-americano David Keirsey foi um dos mais destacados psicólogos de nosso tempo (1921-2013). Na linha dos “Tipos Psicológicos” de Jung e das contribuições de Myers-Briggs, sua própria tipologia se enriqueceu com a contribuição específica dos Temperamentos.

A partir dos binômios estabelecidos pelos citados antecessores, DK inova, agrupando os 16 tipos psicológicos (estabelecidos por Myers-Briggs) em torno de 4 “famílias” de temperamentos: SP, SJ, NF e NT. DK recupera assim, de modo totalmente inovador, a milenar doutrina dos temperamentos (ainda hoje cultivada com a terminologia arcaica em certos setores...!).

Como o leitor verá nesta obra, esses 16 tipos (ISFJ, ENTP etc.) surgem da combinação de 4 pares de fatores, em torno das preferências de cada pessoa por um dos elementos dos pares: I/E (Introversão / Extroversão), S/N, F/T e J/P.

Embora DK dê nomes a cada um dos 4 temperamentos (SP—*Artisan*, SJ—*Guardian* etc.) e dos 16 tipos, Jean Lauand prefere designá-los pelas siglas, pois considera que os rótulos podem mais desorientar do que ajudar (como por exemplo, usar *Artesão* para designar o temperamento SP!). Afinal, diz ele, convivemos muito bem com inúmeras siglas das quais não sabemos seu significado exato, como pode ser o caso de Conmebol, a “http” da Internet, Fifa etc.

A teoria de DK teve enorme impacto em seu país e em todo o mundo: seu livro fundacional, “Please Understand Me”, vendeu mais de 4 milhões de cópias e, segundo o site oficial – www.keirsey.com/ – é utilizada em todos os ramos das Forças Armadas (além de inúmeras empresas – mais de 75% das 500 maiores corporações dos EUA –, escolas, igrejas etc.) e – sempre seguindo o site de DK – mais de 100 milhões de pessoas em mais de 170 países já a experimentaram.

Nos anos de 2013 e 2014, quando foi convidado para proferir “A expressividade do brasileiro – o brasileiro como ESFP” (recolhida neste volume) – conferência de abertura das semanas de “Arrival orientation” para os bolsistas

americanos da Fulbright recém-chegados ao Brasil – Lauand pôde constatar a familiaridade que aqueles graduados tinham com os 16 tipos empregados por DK, que sabiam muito bem o que era um ISTJ, ENTP ou ESFP etc.

Lauand lidera o único grupo do CNPq que contém tematicamente uma linha de pesquisas sobre DK, à qual tenho o privilégio de pertencer, junto com outros de seus ex-orientados: Alexandre Medeiros, Chie Hirose e Nádia Vianna (Pós-doutorados Feusp) e Enio Starosky (doutorado Umesp). Não é de estranhar, portanto, que vários dos artigos deste volume sejam em coautoria (tive a honra de colaborar em dois deles). Esses – e outros membros do Cemoroc – têm publicado dezenas de estudos sobre a teoria de David Keirsey (cf. www.hottopos.com/convenit36/14KeirseyAle.pdf).

Nos artigos aqui selecionados – com o mérito adicional de serem voltados especificamente ao público brasileiro –, o leitor encontrará uma esclarecedora apresentação da teoria de DK, que oferece uma rara oportunidade de compreensão: a análise de muitas pessoas/personagens representativas de diversos dos 16 tipos, com aquele incomparável senso do concreto (repleto de referências a canções, notícias do dia, anedotas, quadrinhos, etimologias e tiradas sobre a linguagem etc.) que torna leve a profunda erudição e a docência de nosso autor (tenha-se em conta que, sendo os estudos keirseyanos ainda incipientes entre nós, é especialmente inevitável a repetição de certas explicações de conceitos básicos e exemplos particularmente importantes).

Outra nota distintiva da didática desses artigos é um agudo senso de humor, como nos dois estudos que abrem esta edição de *Collectanea*: a “ditadura da introversão” e o já citado “Brasileiro como ESFP”, além das hilariantes apresentações – no Anexo I – relacionando os tipos com as clássicas piadas de “Quantas pessoas são necessárias para trocar uma lâmpada?”, “Por que a galinha atravessou a rua?” ou o modo como cada um faz suas orações.

O tom ameno e divertido dos artigos é acompanhado do mais cuidadoso rigor científico, sem o qual seria problemático falar por exemplo em “o brasileiro” (Lauand sabiamente atém-se às *vigências* de Ortega) ou até mesmo em tipos. Nesse sentido, o Apêndice “Nota metodológica: tipos não são conceitos” é uma criteriosa reflexão, legitimadora do procedimento tipológico em geral, para além mesmo do caso de DK.

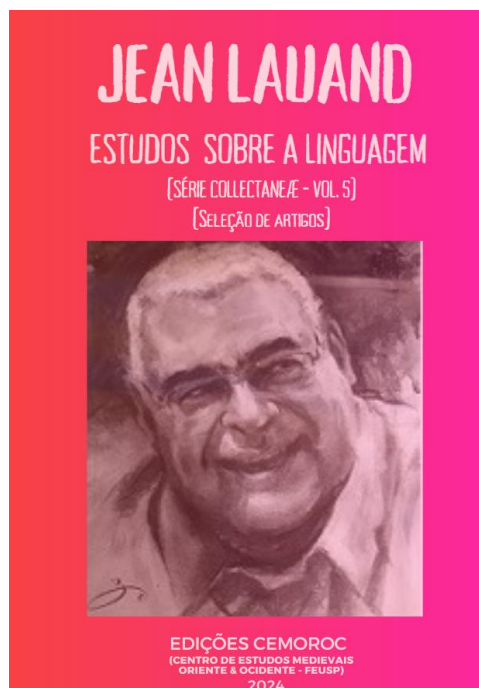
Os 4 capítulos intitulados “Tipos de David Keirsey – Identificando algumas características (I, II, III e IV)”, cada um dedicado a um dos tipos de temperamento (SJ, SP, NF e NT) trazem referências à classificação keirseyaniana de inúmeras celebridades e algumas detalhadas análises de casos como os de Guga Kuerten, Neymar Jr., Geraldo Alckmin, Che Guevara etc. etc.

Claro que nesses capítulos emerge também o contraste entre os temperamentos e tipos, o que ajuda muito à compreensão de cada um deles, como no magistral confronto (ISTJ x STP) entre o “Velho do Restelo” x Vasco da Gama, de “Os Lusíadas” ou entre Bento XVI e o papa Francisco – que remete a São Bento x São Francisco de Assis.

Tudo isso está de acordo com o posicionamento de Lauand, que – científica e pedagogicamente – propende muito mais a um compreender (*Verstehen*) do que a aplicação de testes (o famoso *Sorter* de DK) de alternativas... Um valioso “bônus” que este livro oferece é a apresentação de preciosos textos antigos do site oficial de DK (<https://www.keirsey.com>), hoje suprimidos: o Anexo II recolhe a caracterização de cada um dos 4 temperamentos e dos 16 tipos. E, no artigo “Reflexões sobre o teste de Keirsey”, recolhe-se a versão original (em inglês e espanhol) do *Sorter*, questionário para autoidentificação dos pares de fatores, temperamento e tipo.

O livro, privilegiando a aplicação à Educação, busca, para além do mero âmbito “acadêmico”, proporcionar uma contribuição humanista: dar as bases para uma maior compreensão do “outro” e de si mesmo.

Volume 5: Estudos sobre a Linguagem



O volume recolhe 57 artigos selecionados de Jean Lauand, 33 dos quais originalmente publicados na revista “Língua Portuguesa”, na qual Jean Lauand manteve a coluna “Filosofia e Linguagem” de 2005 (desde o No. 1) até 2015, quando da desativação da publicação.

Especialmente nas matérias da “Língua Portuguesa”, o leitor deve estar atento à datação, pois podem trazer comentários sobre fatos episódicos, próprios do jornalismo de uma revista mensal. Para além do efêmero, porém, sempre há nesses artigos tiradas profundas e atemporais. Precisamente por essa profundidade – e originalidade – que Paulo Ferreira da Cunha (juiz da Suprema Corte de Portugal), ao prefaciá-los os “Dicionários de expressões brasileiras” de JL, escreveu:

Jean Lauand é um intelectual do nosso tempo, *gigante* aos ombros de gigantes (glosando Bernardo de Chartres), que ao mesmo tempo domina o clássico e está a par do mais atual, do mais abstrato como do mais concreto, que tanto cita, com rigor e em Latim, São Tomás de Aquino e tantos outros, medievais,

gregos e romanos, como um samba, uma novela, ou um *gibi* de hoje. Que domina na perfeição as subtilezas do futebol (desporto brasileiro por excelência) e o seu léxico mais técnico como as densas equações matemáticas e o *ballet* estratégico do jogo de xadrez. E que em tudo coloca a máxima inteligência que é o ludismo, a graça e até o humor (que assinala até como existente na Divindade), de forma amigável, afável, sã e elevada.

Para dar uma ideia geral da obra, parece-me oportuno recolher seu **Sumário**, para em seguida tecer breves comentários a alguns dos artigos:

“Bater Papo” – origem e evolução de significado da expressão	15
Antropologia e formas quotidianas – a filosofia de Tomás de Aquino e nossa linguagem do dia-a-dia	21
Educação e hábitos de linguagem: usos e abusos do “neutro”	37
Voz média – Paulinho, Martinho e Pagodinho: sambas dialogam com a filosofia e teologia clássicas	65
A “filosofia” tupi na língua e cultura brasileiras	75
Cultura e língua brasileiras: algumas influências africanas	93
Espanha e Brasil: “ <i>las vigencias</i> ”	125
O sistema língua/pensamento árabe	139
<i>Al-Insan</i> : o homem, um ser que esquece	161
Olé! – O Belo e Deus	167
O “estilo Vaticano” – dois casos	173
A afirmação de realidade do inglês	187
Transformações da linguagem: a gíria “curtir” e as conjunções adversativas – dois estudos	199
Santo Expedito: análise de uma devoção	217
Escrever um artigo científico – ideias para iniciantes (ou não)	231
Jabuticália: singularidades do Brasil	247
<i>Al-qalb</i> – o coração que dá voltas	263
Educar para a metáfora e a transparência da linguagem	273
Tolos e Tolices na Análise de Tomás de Aquino	291
Algumas Etimologias de Isidoro de Sevilha	309
“ <i>Vigencia</i> ” e Educação – a ditadura da extroversão	327
Método e Linguagem no Pensamento de Josef Pieper	359
Cem provérbios da tradição árabe	397

Artigos na revista “Língua Portuguesa”	415
O marketing da rejeição	417
Palavras Maiores	423
As “boas” maneiras de ofender	431
Você está servido?	441
A linguagem do agir	447
A lição do Lepo-lepo	455
A fé ganha a boca do povo	459
Ditos seculares	469
Camadas geológicas na linguagem	479
Mostrar escondendo	483
A arqueologia é dona da bola	491
“Excelenciou” na grande área	503
Sujeito indeterminado	509
É grande pra caramba	515
No princípio era a Bíblia	521
As dobras da língua	529
A danada da partícula “de”	531
Pontes de sentido	535
A lacuna de nossos insultos	537
Os caminhos que levam às ideias	547
A língua na sala de estar (em coautoria)	553
Ô, meu! Minha Nossa Senhora	557
A metafísica da “liquidação”	561
O português no inglês	569
O laboratório de cada povo	573
A linguagem mística do cotidiano	583
A vida como jogo	595
O que é que realmente eu tenho?	601
O pecado do agito vazio	609
Nonsense universal	615
Pegadinhas no Evangelho	633
Jeito, jeitinho e Cia.	657
O laboratório de tio Patinhas - as mudanças da linguagem em cada geração	661

O livro começa com a análise da evolução da expressão “Bater Papó”, amostra da “outra metade” dos estudos de JL sobre a linguagem: os referidos Dicionários sobre as expressões brasileiras, que foram incluídos pelo Instituto Houaiss nas “Fontes de Datação e Etimologias” do “Grande Dicionário Houaiss”, e que valeram a JL o reconhecimento como Redator desse Dicionário.

Segue-se um clássico lauandiano – “Antropologia e formas quotidianas – a filosofia de Tomás de Aquino e nossa linguagem do dia-a-dia” –, de 1998, no qual se relacionam fórmulas de convivência em diversas línguas – agradecimento, felicitações, escusas etc. – com a filosofia do Aquinate. Como se sabe, sua análise de nosso “obrigado” (e os correspondentes de gratidão em outras línguas) tem sido, nestes últimos anos, plagiada (sem a menor cerimônia) por celebrados acadêmicos e palestrantes, de Portugal e do Brasil (que, provavelmente, nunca leram Tomás de Aquino...).

Destaco também cinco artigos que se seguem nesta coletânea, nos quais Lauand confronta a língua portuguesa com o grego e o latim, o tupi, as línguas africanas e o árabe.

Essa série começa por nos apresentar duas graves ausências no português: o neutro e a voz média. Esses recursos “gramaticais”, presentes por exemplo no grego e no latim são, na verdade, poderosas ferramentas de acesso à realidade, que diferenciam as línguas que os possuem, permitindo-lhes insuspeitadas incursões filosóficas e teológicas... Com agudo senso de humor, Lauand mostra que o neutro, mesmo ausente de nossa gramática, domina nossa linguagem por meio de improvisados substitutivos tupiniquins. O mesmo se dá com a “voz média”, clássica voz do verbo que não é ativa nem passiva, mas “média”. Neste caso, o autor mostra sua “presença” em canções tão nossas, de Paulinho da Viola, Zeca Pagodinho e Martinho da Vila.

Dois diferenciais do “brasileiro” em relação ao português europeu são contemplados junto com as influências indígenas e africanas que recebemos. Que, por exemplo, com o sufixo *-uera* (Ibirapuera, Anhanguera etc.) podemos pensar o passado se projetando no presente. E como o quimbundo, o brasileiro usa, muitas vezes, o diminutivo como aumentativo!

Já com a língua árabe, o confronto se dá muito profundamente: no próprio sistema língua/pensamento.

Uma das características de Lauand é sua delicada clareza (não por acaso esses capítulos referidos são conferências para colegiais de escolas públicas e privadas). Sempre prevalece em JL o delicioso senso do concreto (para ele, ensinar é *enseñar*: mostrar!), repleto de tiradas surpreendentes (dessas que o leitor fica se perguntando “Como eu não tinha reparado nisso antes?”), piadas, canções, personagens conhecidos, a notícia do dia... o caso concreto! E sempre com bom humor e divertidamente.

Os dois artigos seguintes são também finas revelações sobre a língua árabe: que o ser humano é designado pela palavra *Al-Insan*, “aquele que esquece”, abrindo assim uma erudita análise sobre a memória nas tradições oriental e ocidental. Considera também a palavra espanhola “Olé!”, importada do árabe, como invocação a Deus (“*wa-llah*”): exclamação ao presenciar algo muito belo! Fato que até muitos falantes nativos espanhóis desconhecem, como se manifestou quando da publicação desse artigo na Espanha...

Segue-se o estudo sobre “O estilo vaticano”, com suas especificidades e sutilezas, capazes de contornar contradições do Catecismo Católico ou “diplomaticamente” aplicar leves punições a graves escândalos.

Reveladoras são as análises da onipresente gíria “curtir” e a evolução dessa metáfora: do negativo ao positivo, um fenômeno não raro na dinâmica da linguagem.

Na intersecção do falar com a sociologia, Lauand discute a devoção brasileira (sobretudo paulista) a Santo Expedito, avassaladora em sua época.

Em “Escrever um artigo científico” encontramos a genial decifração da obscura letra do Hino do Flamengo...

A palavra árabe para coração – *Al-qalb* (literalmente: o girador) – dá ocasião a uma sucessão de coincidências com a poética ocidental e a uma fina análise antropológica.

Quanto aos artigos na revista “Língua Portuguesa” (que – além da venda em bancas – o Ministério da Educação entregava para as escolas públicas do Brasil), quero insistir no fato de que – para além do circunstancial e episódico de matérias de revista mensal – sempre trazem profundas e originais considerações sobre a linguagem.

Em “Palavras Maiores”, entendemos o porquê da expressão “outros quinhentos”, muito antiga – remonta ao século XIII e a Felipe II – e era aplicada a multas para determinadas ofensas.

“Você está servido?” mostra o (desconhecido) verdadeiro significado original da expressão, que desfaz a perplexidade dos que a utilizam hoje, sem ter a menor ideia do que estão falando.

“A linguagem do agir” é uma incursão metafísica que esclarece o sentido do bordão do Prof. Girafales: “Por que causa, razão, motivo ou circunstância...?”.

“Ditos seculares” nos brinda uma amostra de expressões e provérbios portugueses apresentados em obra de 1651 e que ainda hoje são usados.

“A arqueologia é dona da bola” traz uma importante contribuição de Lauand: destruir a lenda – até então unanimemente aceita – de que a palavra “torcedor” (corintiano, vascaíno etc.) – teria se originado em um suposto artigo de Coelho Netto sobre o “torcer” das luvas das elegantes e nervosas “torcedoras” do Fluminense, no começo do século XX. JL prova que o uso do termo – nesse sentido de ansiar por algo – era muito mais antigo e anterior ao próprio futebol.

“‘Excelenciou’ na grande área” liga o recente uso da palavra “sobrar” (excelenciar) às tradições ocidental e oriental da virtude.

“A danada da partícula ‘de’” é um profundo e esclarecedor estudo linguístico.

Tive a honra de ser coautor de “A língua na sala de estar”, que desfaz as usuais simplificações sobre o uso desse importante verbo.

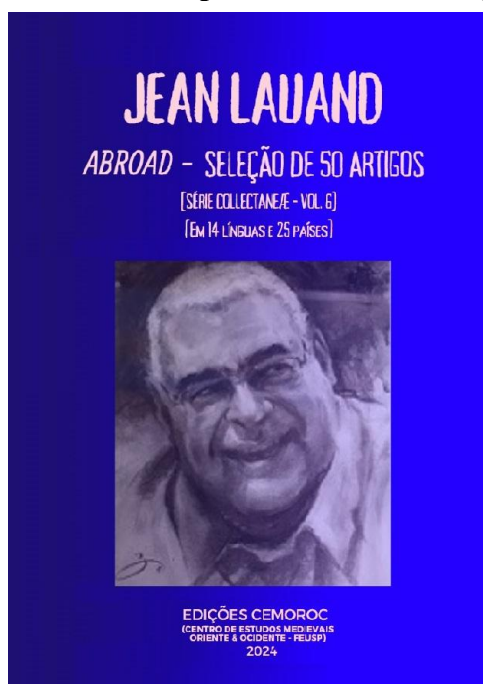
“A metafísica da ‘liquidação’” é um fino estudo sobre a atualidade – em várias línguas – da metafísica dos transcendentais do ente de Tomás de Aquino.

“O laboratório de cada povo” traz – entre outras revelações – a aguda explicação (teológica!) do fato gramatical de que o verbo francês *espérer* é uma “exceção”, que não rege subjuntivo, mas indicativo... Explicação que muitos franceses desconhecem...

Finalmente, chamo a atenção para uma preciosidade, que se encontra no artigo “A linguagem mística do cotidiano”: Lauand compartilha “Acácias” (p. 593), uma poesia inédita de Adélia Prado, com a qual a poeta presenteou JL em 1993! E destaco

também uma curiosidade: as páginas 665-670 (do artigo “O laboratório de tio Patinhas”) são fac-símiles das originais da própria revista “Língua Portuguesa”.

Volume 6: *Abroad* – Estudos publicados em 14 línguas e 25 países



Já são cerca de trinta e cinco anos que tenho o privilégio de conhecer (e de conviver com) o Professor Jean Lauand. Conheci-o buscando um orientador para meu mestrado: não era fácil naquele tempo encontrar na Feusp quem se dispusesse a dirigir um trabalho sobre meu tema: o pensamento de Julián Marías. Ele aceitou e apresentei a dissertação em 1994 e, em seguida, JL orientou-me também para o doutorado. Nossa convivência tornou-se ainda mais estreita quando, em 1997, criamos as já referidas revistas eletrônicas, todas nascidas com vocação internacional e “poliglota”.

Desde então, como diretores dessas publicações do Cemoroc, discutimos sobre cada um dos milhares de artigos que foram publicados em mais de 300 números de nossas revistas, nestes quase 30 anos da Editora.

Assim, nessas inúmeras conversas, pude acompanhar de muito perto essa *extra-ordinária* trajetória internacional de JL: organizativa e autoral.

Do ponto de vista organizativo, basta dizer que JL conseguiu para o Cemoroc incríveis exclusividades editoriais, de grandes intelectuais internacionais, seus amigos

como: Josef Pieper, Julián Marías, Pere Villalba, Paulo Ferreira da Cunha, Berthold Wald e Alfonso López Quintás (os dois primeiros foram, em vida, os filósofos mais lidos pelo grande público em seus países).

Apesar desse conhecimento íntimo do pensamento de JL, confesso que foi um (grato) “susto” ver reunidas neste volume tal quantidade e qualidade desses seus textos *abroad* (muitos deles publicados em prestigiosas universidades e premiados).

A presente obra recolhe mais de 50 artigos selecionados de Jean Lauand, publicados em 14 línguas e 25 países, dos 5 continentes, na maioria dos casos precedidos da versão em português (sem falar nas inúmeras citações, que obviamente não é o caso de elencar neste volume, senão só de modo muito escasso e amostral).

Assim, teremos o gosto de ler esses ensaios do mestre (30, se não contarmos as traduções) também em: inglês, espanhol, francês, italiano, alemão, chinês, árabe, catalão, polonês, basco, japonês, russo e eslovaco (além de pequenas citações ou resenhas em outras línguas: húngaro, croata e persa).

Os trabalhos aqui recolhidos (/mencionados) foram publicados nos seguintes países: Alemanha, Argentina, Austrália, Canadá, China, Colômbia, Coreia, Equador, Eslováquia, Espanha, Estados Unidos, Filipinas, França, Itália, México, Peru, Polônia, Portugal, Reino Unido, Rússia, São Tomé e Príncipe, Tunísia, Vaticano e Venezuela.

Além dos comentários que o próprio autor faz como introdução a alguns dos artigos, vou tecer aqui algumas considerações mais gerais, começando por notar – como tenho afirmado em outras ocasiões – que a ampla difusão desses artigos se deve à união da profunda erudição de JL com a forma clara e leve de escrever, sempre ancorada no concreto (afinal: ensinar é *enseñar*, mostrar), uma das distinções de seu pensamento.

Os artigos deste livro são, em muitos casos, publicações em revistas de universidades, como:

Univ. Complutense de Madrid – Cuadernos de Información y Comunicación.

Universidade Autônoma de Barcelona – revista Faventia.

Università degli Studi di Palermo – revista Mediaeval Sophia”.

Universidade Católica Argentina – revista Sapientia.

Universidade de Córdoba (Argentina) – revista *Konvergencias*.

Univ. North Park (EUA) – revista Quodlibet.

Universidad Santo Tomás de Bucaramanga (Colômbia) – revista Palestra.

Universidad Popular Autónoma del Estado de Puebla – revista Vertebración.

Universidade Aberta (Portugal) – revista “Letras ComVida”.

Universidade dos Urais (Rússia) – editora da universidade.

Uniwersytet Kardynała Stefana Wyszyńskiego (Polônia) – Cátedra de História da Filosofia Antiga e Medieval.

Em outros casos, trata-se de notáveis instituições acadêmicas e culturais:

Vaticano – Congregação para o Clero (seção de artigos)

O leitor poderá verificar que diversos artigos de JL integram o Top Ten de importância de reconhecidos rankings internacionais, como é o caso, por exemplo do referido Medievalists.Net.

Um fato curioso (e relevante) é que, em muitos casos, não foi o autor que submeteu o artigo, mas a própria mídia que espontaneamente se apropriou dele: foi assim com a revista da Complutense de Madrid e as das referidas universidades da Colômbia, México, Polônia e Córdoba. O próprio Vaticano descobriu por si Lauand e o publicou...

Os temas são os clássicos “lauandianos”, especialmente as finas análises de linguagem, como o artigo de abertura do livro: as mundialmente famosas explicações dos três níveis da gratidão e a riqueza de nosso “obrigado” (artigo descaradamente plagiado no Brasil e mundo afora).

Esse artigo, traduzido ao italiano, valeu-lhe a distinção de ser o primeiro brasileiro (e durante muitos anos, o único) a figurar como autor no site do Vaticano! Registram-se também o impacto do artigo (p. 540 e ss.) em textos acadêmicos e teses, como nas universidades de Viena e na de Liège (Bélgica).

Segue-se o estudo – imensamente original e muito difundido – sobre o Deus que brinca, que cria brincando, tema que escolheu para a prova de erudição de seu concurso para Professor Titular na Feusp.

Com certa surpresa, verificamos que talvez seu artigo de maior impacto seja o que analisa os 23 tipos de tolos segundo Santo Tomás de Aquino. Esse texto recebeu diversas apropriações (até para o polonês e o eslovaco) sem que JL o soubesse.

Em suas análises de linguagem, JL surpreende os próprios nativos hispânicos com a análise da etimologia da espanholíssima palavra “Olé”; e os anglófonos, com a distinção das diversas formas de sua língua afirmar a realidade. Surpreende também os franceses, revelando-lhes (p. 242) a razão teológica pela qual o verbo *espérer* requer, por “exceção”, em sua forma afirmativa, o modo indicativo e não subjuntivo. Aponta-lhes também (pp. 542 e ss.) as raízes medievais da mais célebre canção humorística de seu país: “*Tout va très bien, madame la marquise*”.

A original análise da canção de Paul McCartney, “Let it be”, entendendo essa expressão não só como um “deixa estar”, mas possivelmente como o *fiat* de Maria, mãe de Jesus, teve enorme repercussão na Espanha, em sua época.

Não faltam temas árabes como o desenvolvimento e a transmissão do jogo de xadrez para o Ocidente e a aguda análise teológica a partir da criação da ciência da Álgebra (*Al-Jabr*).

Ainda sobre o frequente diálogo com Tomás de Aquino, o artigo “Basic Concepts of Aquinas’s Anthropology” teve enorme impacto em países do Extremo Oriente (e até no Irã).

Os provérbios e o modo semita de se comunicar (e até de pensar) por metáforas é objeto de alguns estudos.

O tema filosófico-teológico da participação é central na visão de JL sobre a “A Filosofia da Educação no novo Catecismo Católico”. A *participatio* fundamenta

também a filosofia da arte em “Mestre Pennacchi: Arte Integração, Estética da Participação”, sobre a pintura do grande mestre “*brasiliano*”.

Um enigma de 700 anos da engenhosidade medieval é decifrado por JL na análise do hino “*Ave Verum Corpus Natum*”: as revelações do artigo colaboram para o estabelecimento crítico do verdadeiro texto do poema.

A título de curiosa amostra, foi incluída neste volume uma entrevista de JL a Julián Marías, publicada em árabe, e seu trabalho como editor de uma conferência do pensador espanhol, esta publicada em russo.

Para finalizar, uma nota técnica: nesta edição, optamos por um formato de livro mais compacto e “econômico” (e ainda assim temos quase 550 páginas), pois pareceu-nos mais adequado recolher todo esse precioso e fecundo legado, de alcance mundial, em um único volume.

A seguir, o **Sumário** da obra:

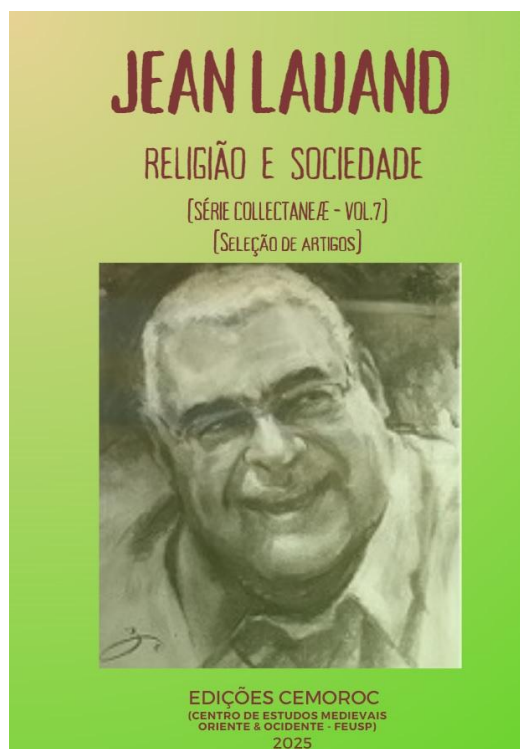
Breve comentário ao artigo	009
Antropologia e formas quotidianas – a filosofia de Tomás de Aquino	
e nossa linguagem do dia-a-dia	011
(Francês) Anthropologie des formules d’usage...	019
(Italiano) La Filosofia di S. Tommaso d’Aquino soggiacente...	025
(Espanhol) La filosofía de Tomás de Aquino y nuestro lenguaje...	033
(Alemão) Anthropologie und Formen der Umgangssprache...	041
Breve comentário ao artigo	051
O Deus que brinca: fundamentos lúdicos da realidade	053
(Francês) <i>Ludus</i> - Le Jeu, un “Fondamental” dans la Vision...	065
(Espanhol) Tomás de Aquino y el <i>Logos ludens</i> : Dios que crea...	089
(Inglês) Ludus in the Fundamentals of Aquinas’s World-View...	101
(Alemão) Spielen als Grund in der Weltanschauung des Thomas...	107
Breve comentário ao artigo	115
O homem, um ser que esquece	117
(Inglês) Man is a being that forgets!	121
(Francês) <i>Al-Insan</i> , l’Homme, ce grand Oublieux	123
(Alemão) Erziehen und Erinnern	125

(Italiano) Educazione e Memoria	129
(Chinês) 記憶與教育	133
(Espanhol) El hombre, ese olvidadizo	137
Breve comentário ao artigo	141
Tolos e Tolices na Análise de Tomás de Aquino	145
(Espanhol) La tontería y los tontos en el análisis de Tomás de Aquino	155
(Inglês) Fools in Aquinas's Analysis	163
(Polonês) Głupota i 23 głupców u Tomasza z Akwinu	171
(Eslovaco) Tomáš prirovnával hlúpost' k zvieratám	175
Breve comentário ao artigo	177
Mother Mary Comes to me - a Radical Insegurança da Condição Humana	179
(Espanhol) Mother Mary Comes to me - La radical...	187
(Chinês) Mother Mary Comes To Me –人心的不安	195
(Basco) «Let it be» (The Beatlesen abestia)	203
Breve comentário ao artigo	205
Tomás de Aquino: alguns conceitos básicos	207
(Inglês) Basic Concepts of Aquinas's Anthropology	217
Método e Linguagem no Pensamento de Josef Pieper	227
(Espanhol) Método y Lenguaje en el Pensamiento de Josef Pieper	245
Breve comentário ao artigo	265
Olé! – O Belo e Deus	267
(Catalão) Déu, la bellesa i l'art Olé! – O Belo e Deus	271
(Espanhol) ¡¡¡Olééé!!! – Dios, la belleza y el arte	275
<i>In Mortis Examine</i> - Nota sobre o <i>Ave Verum Corpus Natum</i>	279
(Japonês) アヴェ・ヴェルム・コルプスについての小論文	281
(Inglês) <i>In Mortis Examine</i> – a Note on <i>Ave Verum Corpus Natum</i>	283
Quem vê cara, não vê girador – estudo sobre o coração	285

(Espanhol) <i>Al-qalb</i> - Corazón, el que da vueltas	291
<i>Shatranj</i> – o xadrez árabe e o ocidente medieval	297
(Espanhol) Shatranj Árabe y Acedrex Medieval	305
A Afirmação de Realidade do Inglês	313
(Inglês) English Affirmation of Reality	319
Os “se” das línguas Semitas e o Evangelho Revisitado	325
(Inglês) The Gospel Revisited from Different Semitic “Ifs”	339
(Espanhol) Los ‘si’ semíticos y el Evangelio revisitado	349
(Inglês) The Role of Riddles in Medieval Education	357
Ciência e <i>Weltanschauung</i> - a Álgebra como Ciência Árabe	365
(Espanhol) El Corán y la ciencia – el álgebra como ciencia árabe	377
Mestre Pennacchi: Arte Integração, Estética da Participação	389
(Inglês) Pieper’s Theory of Feasting - the Work of a...	403
(Espanhol) Un análisis de la obra de un pintor “brasiliano”...	407
(Inglês) A Tribute to Pere Villalba – Spirit and Humanism	413
(Espanhol) Alfonso López Quintás – un Pensador para Brasil	417
A Filosofia da Educação no novo Catecismo Católico	419
(Italiano) Una Filosofia dell’Educazione nel Nuovo Catechismo...	433
(Inglês) Christian Education Today: Perspectives	445
(Espanhol) Una filosofía de la educación en el Nuevo Catecismo...	453
Josef Pieper: educar para o máximo do ser – e algumas tradições	467
(Inglês) Aquinas’ Foundations of Ethics and the Anthropology...	475
(Espanhol) La Unidad de la Idea de Hombre en Distintas Culturas	479
(Espanhol) La pedagogía de Dios: la tradición del mathal. Nota al Libre de mil proverbis de Ramón Llull	483
(Inglês) Proverbs and the Sense of the Concrete: the Basis of Arab Education	489

(Inglês) Christ our Peace - a semitic note	493
(Inglês) A Note on Poetry and the Fundamentals of the Poetic Act	495
O estudo segundo Tomás de Aquino: uma carta	499
(Espanhol) Sobre el modo de estudiar, <i>De Modo Studendi</i> de Tomás...	503
Nota introdutória a um Sermão de S. Cesário de Arles (470-543)	507
(Espanhol) Nota Introductória al Sermón de San Cesáreo	507
(Espanhol) Lenguaje y Metodología - el “Confundente” Oriental en un Filósofo de Occidente	509
Jesus Lúdico – Notas sobre a pergunta fundamental de Shakespeare: Who’s There?	513
(Chinês) 莎士比亞之 “Who’s There?” 淺探	519
 Outros Escritos de JL	 525
A relação com Julián Marías – minha gratidão	527
Traduzida ao árabe, entrevista a Julián Marías (site da Tunísia)	528
Trad. ao russo: edição de JL de conferência de J. Marías (site russo)	530
Outros textos publicados no exterior	537

Volume 7: Religião e Sociedade



O volume recolhe 18 artigos selecionados de Jean Lauand, dedicados a profundas reflexões filosóficas e teológicas, a seus valores, às relações entre religião e “mundo” e às influências (por vezes, disfunções) nas práticas sociais.

O livro se abre com “O diálogo entre Fé e Razão”, sua apresentação em debate (13-02-2009) com o bispo Dom Dimas Lara Barbosa, então secretário geral da CNBB. Passados 16 anos, os temas então tratados ganharam ainda mais atualidade, como é o caso dos abusos e do fanatismo que o grande pensador espanhol Julián Marías designou por “catolicismo insaciável” (claro que essa insaciabilidade não é tentação que assole só o catolicismo, mas acomete todas as religiões). Essa mesma extrapolação é também o tema – sob um determinado ponto de vista teórico tema – de outro estudo ““Catolicismo insaciável”: dos dogmas às representações sociais”.

Ainda nesse debate, JL recolhe uma de suas mais brilhantes contribuições ao tema da liberdade do cristão em matérias temporais, estabelecida pelo próprio Cristo, na emblemática questão da partilha da herança. Enquanto Cristo se recusa a se envolver concretamente nessa questão secular, o Alcorão, pelo contrário, prescreve detalhadas normas para o caso: o que levou o Islã, pouco depois, a fundar a ciência árabe da Álgebra, precisamente para “equacionar” esses preceitos.

Ainda nesse capítulo de abertura, JL recupera, em favor da autonomia da consciência de cada cristão – seguindo seu mestre Tomás de Aquino –, o caráter principal (e principal) da virtude cardinal da Prudência (da verdadeira *Prudentia*) contra a prepotência de líderes religiosos que preferem ocultá-la e pretendem substituí-la por detalhados e farisaicos códigos morais...

Segue-se um clássico lauandiano: “O Deus que brinca: fundamentos lúdicos da realidade”, profundo estudo sobre a antropologia e a teologia de Santo Tomás, todo um manifesto em favor da leveza da religião e um convite à contemplação de Deus no

mundo, como se pode ver em “Olé! – O Belo e Deus”. O livro inclui também um divertido capítulo sobre o humor na Bíblia.

Explora a seguir uma (esquecida) metáfora do Aquinate, a de “Cristo sal”, desenvolvendo um dos conceitos essenciais da visão católica do mundo: a *participatio*. O homem e o mundo são por participação no Ser de Deus e a graça é a participação da Filiação divina de Cristo. Esse e outros conceitos que integram a *Weltanschauung* da doutrina católica são analisados em seu documento oficial: o Novo Catecismo da Igreja.

Outro salutar conceito em favor da liberdade – derivado do onipresente princípio central: a Criação – está na decidida postura praticada e ensinada por Tomás: a de uma filosofia e teologia negativas, antídotos contra qualquer tentativa de rígidos racionalismos, como prefigurados em um S. Anselmo de Canterbury. O artigo é: “Tomás x Anselmo - *rationes necessariae* ou *theologia negativa*”. Na esteira desse tema, estão os artigos que abordam a comunicação de Deus, pela metáfora e pelo *marshal*: “O papel dos enigmas na educação e na religião medievais” e “*Amthal*, a pedagogia metafórica de Deus na Bíblia e no Alcorão”.

De acordo com as preocupações do Papa Francisco, desde o início de seu pontificado, JL documenta as manipulações (e contradições), que por vezes se observam no Vaticano: as ambiguidades ligadas à edição definitiva do Novo Catecismo da Igreja Católica.

Seguindo seu mestre contemporâneo, o grande filósofo alemão Josef Pieper, recupera e apresenta para nosso meio acadêmico a desconhecida Acídia, o pecado capital de extremo alcance antropológico e que é ignorado pelos cristãos, que o substituíram pelo “*pecadillo*” da Preguiça, elevado incrivelmente à categoria de vício capital...

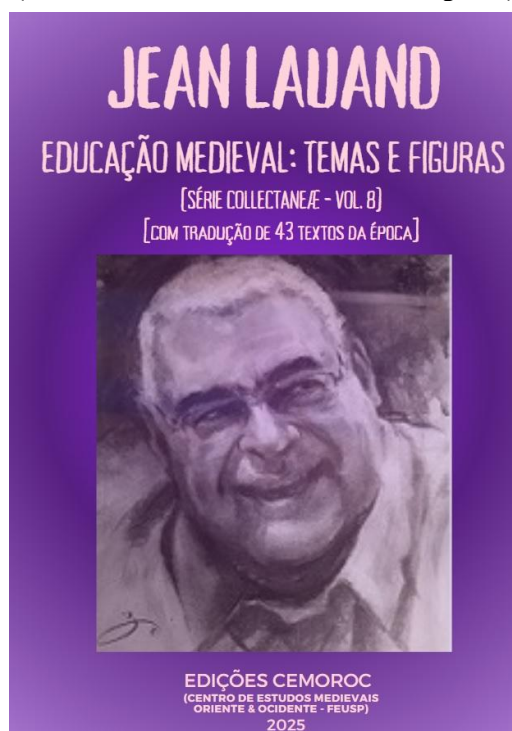
Contra os que pretendem uma uniformização do estilo de viver a religião, a legítima e saudável diversidade de modos de o cristão “viver a vida de Cristo” (Gal: 2, 20) é explorada na análise psicológica (“Análise keirseyaniana de clássicos cristãos e chineses”) de dois grandes santos: São Bento e São Francisco, não por acaso nomes escolhidos pelos dois últimos papas...

Também à luz do escorregadio “estilo eclesiástico”, JL analisa sociológica e historicamente o curioso caso da devoção a Santo Expedito (questionando inclusive sua própria existência...), verdadeira febre ainda há poucos anos.

Um artigo de 2001, que causou muito impacto internacional foi “*Mother Mary Comes to me...*”, uma interpretação do “Let it be” de Paul McCartney, como um possível hino a Maria, mãe de Jesus. Já o título não significa “deixa estar”, mas o próprio *fiat*, “faça-se” de Maria (no evangelho em inglês: “let it be”).

Uma interessante análise exegética que ilumina a leitura dos evangelhos é “Os ‘se’ das línguas Semitas e o Evangelho Revisitado”. “A linguagem mística do cotidiano”, sempre a partir do conceito central de Criação, refuta o fundamentalismo dos que querem controlar os fiéis, criando uma oposição da religião ao mundo, como se o mundo não fosse obra de Deus. A partir da poesia de Adélia Prado, mostra-se como a arte (não só a arte sacra, mas qualquer verdadeira arte) remete a Deus criador: assumir plenamente a Criação envolve também a valorização do corpo e da matéria, tema do último capítulo desta obra.

Volume 8: Educação Medieval: Temas e Figuras
(com tradução de 43 textos da época)



Fundada em 1969, desde seu primeiro ano letivo em 1970, a Faculdade de Educação da USP estabeleceu-se como um polo de excelência de pensamento pedagógico, especialmente – para o que importa para esta Apresentação – ao apostar em uma sólida formação em História da Educação: além, é claro, de contemplar diversas outras épocas, foi a única Faculdade no Brasil que manteve – durante muitos anos – um semestre inteiro (com carga horária de 4 horas semanais) a disciplina “História da Educação na Idade Média)!

O docente responsável era o saudoso Prof. Dr. Ruy Afonso da Costa Nunes, o maior medievalista da época, sobretudo naqueles tempos em que estudos sobre a Idade Média não eram valorizados em nosso meio acadêmico. Por exemplo, o currículo da Faculdade de Filosofia saltava direto da História da Filosofia Antiga para a Moderna...

Com a aposentadoria de Ruy Nunes, a partir de 1983, JL (recém contratado em 1981) corajosamente assumiu o ensino de História da Educação Medieval, lecionando por mais de 25 anos essa disciplina na graduação, até ele mesmo se aposentar (JL ainda hoje colabora com o Programa de Pós-graduação da Feusp, na qualidade de Professor Sênior).

Alguns intelectuais, como Santo Agostinho, são eminentemente escritores (e é a partir dessa vocação básica que exercem o magistério etc.); outros, como Tomás de Aquino, são fundamentalmente professores. Este é também claramente o caso de JL: se ele é um escritor fecundo (os volumes até agora publicados desta Coleção superam as 3000 páginas) e exímio – como demonstra seu sucesso internacional, publicado em 25 países e 14 línguas (cf. o vol. 6 desta Coleção) – é porque seu pensamento e toda sua atividade estão assentados sobre a docência: habitar a sala de aula, alimentar-se do diálogo e da comunhão com os alunos... Os estudantes sentiam isso vivamente e por

isso o incomparável número de homenagens que lhe prestaram, como referimos na parte anterior desta Apresentação.

Assim que foi incumbido da missão de lecionar História da Educação da Idade Média, JL começou imediatamente, como pioneiro, a se empenhar na tradução de textos de educadores medievais, na época inexistentes em nosso meio acadêmico. Manteve esse trabalho ao longo dos anos e hoje podemos oferecer ao leitor esta seleção de 43 textos dos principais educadores – do século IV ao XIV – e de seus grandes temas pedagógicos.

Para a escolha desse material, fiel à sua vocação de professor, JL orientou-se por diversos critérios, um deles tomado de Tomás de Aquino, seu mestre por excelência. Tomás como professor sempre insistiu em que o ensino deve ser agradável e divertido: a chatice docente é pecado! O professor JL orienta-se pelo lúdico. E ele mesmo recolhe – não por acaso em seu clássico estudo sobre o Deus Lúdico –, os argumentos antropológicos do Aquinate a esse respeito:

Essa “re-criação” pelo brincar – e a afirmação de Tomás (ainda na questão 168) pode parecer surpreendente à primeira vista – é tanto mais necessária para o intelectual e para o contemplativo, que são os que, por assim dizer, mais “desgastam” as forças da alma, arrancando-a do sensível. E, “sendo os bens sensíveis conaturais ao homem”, as atividades racionais mais requerem o brincar.

Daí decorrem importantes consequências para a filosofia da educação. O ensino não pode ser aborrecido e enfadonho: o *fastidium* é um grave obstáculo para a aprendizagem².

Em outro lugar da *Suma teológica*, Tomás – jogando com as palavras – analisa um interessante efeito da alegria e do prazer (*delectatio*) na atividade humana, efeito que ele chama metaforicamente de dilatação (*dilatatio*), capaz de ampliar a capacidade de aprender tanto em sua dimensão intelectual quanto na da vontade (o que designaríamos hoje por motivação). A “deleitação” (*delectatio/dilatatio*) produz uma dilatação essencial para a aprendizagem³. E, reciprocamente, a tristeza e o fastio produzem um estreitamento, um bloqueio ou, para usar a metáfora de Tomás, um peso (*aggravatio animi*) também para a aprendizagem⁴. Por isso, Tomás recomenda o uso didático de brincadeiras e piadas, para descanso dos ouvintes ou alunos⁵.

Assim, não é de estranhar que – uma e outra vez – reencontremos o lúdico em muitos desses textos que aqui se apresentam: nas diversas peças de teatro (como a do incrível Camelô das ervas “Medicinais” de Rutbeuf), nas listas de probleminhas de Matemática das escolas monásticas do século IX, as piadas do ano 1000 de Petrus Alphonsus etc.

O primeiro texto nos vem do fim da Antiguidade, o Sermão de Agostinho sobre o filho pródigo, precedido de um notável estudo introdutório sobre o arrebatador estilo de pregar (e de escrever) do bispo de Hipona. Como não poderia deixar de ser em se tratando de JL, encontraremos verdadeiros achados de deliciosos trocadilhos e jogos de linguagem nessa pregação.

² *Suma teológica*, prólogo.

³ *Suma teológica* I-II, 33, objeção 1.

⁴ *Suma teológica* I-II, 37, 2, objeção 2.

⁵ *Suma teológica* II-II, 168, 2, objeção 1.

Claro que para toda a Idade Média (abreviaremos por IM) o sermão será (também) uma instância educativa geral privilegiada, para além do meramente pastoral. Daí que encontremos também um sermão de São Cesário de Arles (para o homem do campo do começo da IM) e o refinado Sermão de São Bernardo sobre o conhecimento e a ignorância.

Quando elaborou traduções de textos das 7 Artes Liberais, as disciplinas que compunham o currículo da Educação Fundamental da IM, o *trivium* e o *quadrivium*, respectivamente: Gramática, Retórica e Dialética; Aritmética, Geometria, Astronomia e Música, JL propunha a seus estudantes avaliações não **sobre** o ensino medieval, mas com as mesmas questões que “caíam” nas provas dos aluninhos das escolas monásticas.

Uma de suas ex-alunas relembra essas provas e aulas, muitos anos depois:

E a mais surpreendente descoberta, inimaginável para nós: supúnhamos que nosso tempo é que estava inovando com o lúdico da educação! E, de repente, éramos lançadas na sala de aula de um mosteiro do século IX, na qual as crianças eram desafiadas com brincadeiras, charadas e pegadinhas. Nossas representações da Idade Média caíam por terra.

Na aula, aprendíamos rudimentos de latim para poder entrar nos joguinhos pedagógicos medievais. Por exemplo, descobrimos que o latim tem declinações: o final da palavra mudava se ela exercia a função de sujeito, objeto direto etc. E que em algumas declinações, o acusativo (objeto direto) singular terminava em **M**; e o plural em **S**. JL em suas aulas, praticava o ideal de universidade de seus mestres Pieper e Tomás de Aquino: abertura para o todo da realidade (*Offenheit für das Ganze*); a partir de um ponto qualquer, abriam-se os mais inesperados (sensacionais e inesquecíveis) relacionamentos.

No caso, JL explicou-nos que, quando as línguas nacionais suprimiram as declinações do latim, tomaram simplesmente o plural do acusativo: em **S**. O italiano é uma das exceções: o plural foi feito a partir do nominativo (sujeito) das 1ª e 2ª declinações. Por isso, no falar paulistano, estabeleceu-se uma média: plural em **S** nos artigos e sem **S** nos substantivos. Foi a partir do curso de medieval que entendi o “dialeto” de meu bairro, o Bixiga: “*Na festa da Achirópita, os moço viêro e tiraro as moça pra dançar, enquanto os velho comia as polenta*”.

Para explicar-nos o objeto direto em **M**, JL recorria às charadinhas de Alcuíno, o maior pedagogo do século IX:

Se me lês na ordem certa, comes-me; se me lês de trás para diante, cavalgas-me. Quem sou eu?

— — — — —

[quem lembrasse do **M** em verbos transitivos diretos já começaria a acertar:]

M — — — M

Resposta: *Malum* (maçã) e *Mulam* (mula)

Outra charada de Mestre Alcuíno, esta para testar vocabulário:

Seis letras tenho e não sou pequeno. Se me tiras a 1ª letra, viro banquete pascal. Se me tiras a 4ª, sou um dos que presenteou o menino Jesus. Se me tiras a 2ª, a 3ª e a 4ª, viro um ladrãozinho. Quem sou eu?

Resposta: M A G N U S (grande)

Sem a 1ª letra, A G N U S (cordeiro)

Sem a 4ª, M A G U S (mago)

E finalmente, M U S (rato)

(Hirose em Hirose, C. & CASTRO, R. C. G. (Org.). **Jean Lauand: 50 anos na USP** (memórias e depoimentos). 1. ed. Santo andré: Kapenke, 2020, pp. 103-104).

Para essas aulas e atividades com o currículo da época, JL valia-se das divertidas listas de probleminhas de matemática de Alcuíno (que incluíam charadas e até “pegadinhas”), da Geometria de Boécio, das noções de Retórica e etimologias de Isidoro de Sevilha (a própria etimologia era parte da arte da Gramática), do canto gregoriano etc. De Isidoro, procedem também outras práticas pedagógicas, como o “jogo das diferenças”.

A viveza e o caráter popular da cultura da época se manifesta nas diversas peças de teatro aqui apresentadas e nos “tipicamente nordestinos” pregão do Camelô das ervas e “Teófilo” de Gonzalo de Berceo, que em nada difere de um auto de nosso Suassuna...

A visão de mundo medieval era profundamente alegórica: as realidades, mais do que meros fatos em si eram sinais dados por Deus para interpretação de sua obra e de sua revelação na Bíblia.

Assim, quando o cristão de hoje lê no evangelho de João a pesca milagrosa de 153 peixes, isto para ele significa somente uma grande quantidade de peixes. Mas um Agostinho vai se valer da Aritmética para explicar para o povo em sermão porque exatamente 153: somatório de $1 + 2 + 3 \dots + 16 + 17$, sendo que 17 é $10 + 7$, números que têm também seu significado simbólico.

Graças a essa visão, pôde prevalecer na IM a ideia da legitimidade de estudar as artes e ciências leigas: elas são indispensáveis para a compreensão da Bíblia. Daí, por exemplo, o livro de Rábano Mauro sobre o caráter místico dos números e o de São Jerônimo sobre o significado dos Nomes Bíblicos.

Na época, quase tudo se volta para a religião: as poesias – como os versos de Rusticus Helpidus –, o teatro e até as piadas da época têm que se mostrar como instância formativa moral e religiosa.

Na escolha dos textos, JL soube selecionar peças de importância como marcos fundadores: o Tratado sobre a Trindade de Boécio é o marco inicial da Escolástica, o uso da razão para ajudar a fé. A radicalidade, no caso, é que Boécio escreve todo um livro sobre a SSma. Trindade sem citar uma única vez a Bíblia, mas apoiando-se somente em Aristóteles!

Outro fato incrível é o do restabelecimento do teatro no Ocidente, por volta do ano 1000, por uma mulher: Rosvita, do mosteiro de Gandersheim. O teatro havia sido banido pelos cristãos e Rosvita o reinventa: desta vez como hagiografia e exortação cristã. Em suas peças – duas das quais (Sabedoria e Dulcício) recolhidas aqui – as mulheres prevalecem sobre os homens em inteligência, caráter etc.

A IM começa com a queda do Império Romano, cujo espaço se transformou em reinos bárbaros (não só analfabetos, mas ágrafos) e o pouco que se poderia salvar do esplendor cultural da Antiguidade Clássica, devemos a educadores como Boécio e Isidoro, que assumiram a tarefa de tentar passar um mínimo (era o que era possível, no caso). A cultura refugiou-se nos mosteiros e se hoje conhecemos muitas obras, até da cultura pagã, é graças a Cassiodoro, que instituiu nos mosteiros a figura do monge copista, a quem exorta em seu árduo trabalho no texto que aqui se recolhe.

Algumas interfaces com a cultura árabe se dão sob o reinado de D. Alfonso, o Sábio, que manda traduzir o “Livro da Escada de Maomé” e escreve – copiado dos árabes – o primeiro tratado de xadrez no Ocidente.

Para essa cultura edificada em bases tão precárias, inicialmente prevalecem os Livros de Sentenças, aqui tipificados na Cintilações de Defensor de Ligugé, até que com o progresso e o amadurecimento dos séculos XII e XIII possam surgir monumentais trabalhos autorais como os do principal pensador da época, Tomás de Aquino (veja-se, por exemplo, o profundo “Sobre a diferença entre a palavra divina e a humana”), de quem se recolhem aqui tantos textos.

Sobre Raimundo Lúlio, JL oferece uma reflexão sobre o significado que ele dá a seus provérbios.

Na análise do, ainda hoje famoso, hino “Ave Verum” (século XIV), Lauand nos brinda uma interessantíssima descoberta sobre a forma do texto poético original, a partir do modo de escrita medieval.

No campo do humor são imperdíveis as piadas de Petrus Alphonsus e de seu personagem: o servo Maimundo, um autêntico Pedro Malazarte da época.

Detemo-nos aqui, afinal o próprio JL nos oferece a seguir seu Depoimento e Estudos Prévios a este livro tão importante para o cultor da Idade Média e para o público em geral.

Pode ser útil ao leitor conhecer o conteúdo dessa obra.

Estudos Prévios

Depoimento: Lecionar História da Educação Medieval na Feusp	015
Atualidade da Pedagogia Medieval	023
O papel dos enigmas na educação e na religião medievais	027
O Deus que brinca: fundamentos lúdicos da realidade	041

Autores e Temas da Educação Medieval

	Santo Agostinho (354-430)	
Estudo Introdutório		055
Sermão “Sobre o Filho Pródigo”		069
	São Jerônimo (c. 347-420)	
Estudo Introdutório		075
O Livro das Interpretações dos Nomes Bíblicos		080

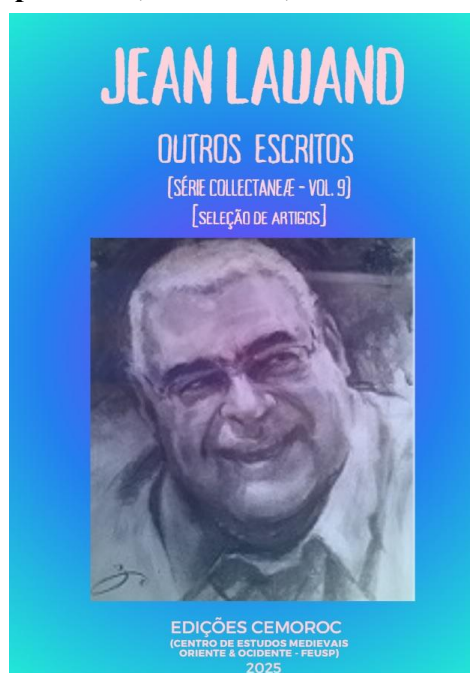
São Cesário de Arles (470-543)	
Nota Introdutória	085
Sermão para uma paróquia rural	085
Boécio (c. 480-525)	
Nota Introdutória	089
Tratado sobre a Trindade	092
Rusticus Helpidus (séc. VI)	
Nota Introdutória	101
<i>Carmina</i> – a Poesia de Rusticus Helpidus	101
Cassiodoro (485-580)	
Nota Introdutória	103
As <i>Institutiones</i> : o trabalho dos copistas	105
Santo Isidoro de Sevilha (560-636)	
Estudos (/Notas/) Introdutórias (intercalados)	107
Algumas Etimologias	109
O Jogo das diferenças	114
<i>O De Ortu et Obitu Patrum</i>	118
Sobre a Matemática - Aritmética e Geometria	131
[N.B.: cada item indicado neste Sumário tem seu próprio estudo (/Nota) introdutório]	
Defensor de Ligugé (século VIII)	
Estudo Introdutório	141
O Livro das Cintilações	146
Alcuíno de York (735-804)	
Nota Introdutória	163
Problemas para aguçar a inteligência dos jovens	164
Diálogo entre Mestre Alcuíno e seu aluno Pepino	168
Rábano Mauro (784-856)	
Nota Introdutória	173
O Significado Místico dos Números	175
Anônimos (<i>saecula diversa</i>)	
Nota Introdutória	185
<i>Et Pilo sua Umbra...</i> - Inscrições em Relógios de Sol	186
Rosvita de Gandersheim (c. 935-c.1002)	
Estudo Introdutório à peça de teatro “Sabedoria”	197
Sabedoria	200
Nota Introdutória à peça de teatro “Dulcício”	215
Dulcício	216

Petrus Alphonsus (1062-1140)	
Nota Introdutória	227
<i>A Disciplina Clericalis</i>	228
Conselhos de Luqman a seu filho	228
Fábula IV; Fábula XXVIII	228
Sobre o modo de comer	229
Anedotas do servo Maimundo	230
Anedota do Pastor e do Mercador	232
São Bernardo de Claraval (1090-1153)	
Estudo Introdutório	233
Sermão sobre o conhecimento e a ignorância	238
Teatro: <i>sketches</i> e peças de autores anônimos (Sécs. IX -XIV)	
1. Antífona Pascal (anônimo – século IX)	243
2. Os Estudantes e o Camponês (anônimo do século XI)	245
3. Um <i>jeu</i> medieval - O Mistério de Adão (anônimo do séc. XII)	249
4. O Courtois d'Arras (teatro) - anônimo do século XIII	261
5. A Dança da Morte (anônimo do século XIV)	277
[N.B.: cada item indicado neste Sumário tem seu próprio estudo (/Nota) introdutório]	
Rutebeuf (século XIII)	
Nota Introdutória	279
Teatro: “O Pregão das Ervas”	279
Gonzalo de Berceo (c.1198 – c. 1260)	
Estudo Introdutório	285
O <i>Teófilo</i> de Gonzalo de Berceo	290
(sob) D. Alfonso, o Sábio (1221-1284)	
O Livro da Escada de Maomé - capítulos 50, 51 e 70	303
Shatranj – o xadrez árabe e o ocidente medieval	307
Santo Tomás de Aquino (1225-1274)	
<i>Ratio, Natura, Ordo...</i> sentenças de Tomás de Aquino	315
Sentenças sobre tolos e tolices	327
Os provérbios na obra de Tomás de Aquino	337
Sobre a diferença entre a palavra divina e a humana	343
É a memória parte da prudência?	353
Anônimo do século XIV	
Ave Verum Corpus Natum	357
Ramón Llull (1232-1316)	
Provérbios selecionados	359

Pequenas amostras de traduções de Tomás de Aquino publicadas em livros

Estudo Introdutório aos Pecados capitais	367
Sobre a Acídia e a Ira	371
Nota Introdutória ao Sobre o Ensino	375
Sobre o Ensino	378
Estudo Introdutório à Prudência	387
Questão 47 - A prudência em si mesma considerada	393
O estudo segundo Tomás de Aquino: uma carta Sobre o modo de estudar	397
Pequeno Glossário de Tomás de Aquino	401

**Volume 9: Outros Escritos. Entrevistas, homenagens,
prefácios, coautoria, documentais**



A primeira seção dessa obra recolhe entrevistas de JL. A primeira, para a revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é especialmente relevante, pois nosso autor detalha sua metodologia – que segue a de Josef Pieper – que relaciona linguagem e antropologia filosófica: a linguagem como “sítio” privilegiado para atingir o próprio ser do homem, que está escondido para nós e ao qual nosso acesso é fundamentalmente indireto. Daí, por exemplo, a importância da análise etimológica, que JL esgrime com maestria.

Revela-nos também outro ponto fundamental: o de como explora o “sistema língua/pensamento” (J. Lohmann), o modo de pensar língua e pensamento não como realidades estanques, mas em interação dialética, especialmente nos casos do grego (sistema *logos*) e do árabe (sistema *ma’na*).

Ainda nessa entrevista, revisita o modo como o brasileiro tenta recuperar dois recursos inexistentes em nossa língua (e, claro, “de pensamento”), elementos chave nos clássicos: “voz média” e o neutro. Para além de registros “gramaticais” são componentes importantíssimos de uma visão de mundo, como mostram os diversos usos que JL faz deles em sua obra.

Encerra expondo como o português do Brasil recebeu influência das línguas indígenas e africanas.

Na entrevista para a Unisinos, começa por responder sobre uma de suas mais importantes descobertas: a ligação da Álgebra (como ciência típica do sistema língua/pensamento árabe) e o Alcorão com a pretensão islâmica de regular também a vida civil, em contraste com Cristo que afirma a autonomia das realidades temporais. Em seguida, volta-se para a Filosofia da Educação de Tomás de Aquino, com sua realista concepção de valorização do corpo e da matéria, a primazia da virtude cardeal da Prudência etc.

Com JL entrevistador, temos sua conversa com Adélia Prado, em 1993, e o precioso poema inédito “Acácias”, presente que, na ocasião, a poeta lhe ofereceu. Ainda sobre Adélia, o último artigo deste livro nos traz uma recentíssima pesquisa sobre produções “pré-históricas” da escritora: ao garimpar na Biblioteca Nacional, JL descobriu um conto e quatro poesias completamente esquecidas, da fase anterior a “Bagagem”, livro que revelou AP para o Brasil.

A segunda seção deste livro (“Eventos do Cemoroc...”) traz artigos sobre importantes marcos de nosso Centro: o 25º. aniversário de nossas revistas (e seus 300 volumes publicados), seus Seminários Internacionais realizados e o inovador Projeto *Coepta*, que há 7 anos incentiva a iniciação científica de jovens estudantes do Ensino Médio, selecionando e publicando seus artigos em revistas acadêmicas do Centro.

Outros dois estudos repassam as muitas e inestimáveis colaborações para o Cemoroc de dois eminentes filósofos espanhóis: Julián Marías e Alfonso López Quintás.

Na terceira seção (“Homenagens a Fundadores...”), encontramos artigos (e prefácios) em reconhecimento de fundadores e membros do Cemoroc, como: Helmi Nasr, Paulo Ferreira da Cunha, Aida Hanania, Silvia M. Gasparian Colello, Pere Villalba, Enio Starosky e Concha Piñero.

Segue-se uma coletânea de “Artigos em coautoria”, cerca de vinte, que – além da parceria com colegas experimentados – nos trazem uma dimensão importante da obra de Jean Lauand: seu trabalho como orientador de mestrado e doutorado e como supervisor de pós-doutorados. Ao contrário de muitos que simplesmente assinam os trabalhos elaborados por seus orientandos, JL se envolve profundamente como coautor e interlocutor daqueles que orienta: temos assim uma panorâmica dessa sua importante missão na universidade.

Segue-se uma seção de “Trabalhos de Documentação...”, cujo primeiro artigo é a recuperação de 500 provérbios portugueses antigos, selecionados do livro de 1651 de Antonio Delicado: *Adagios portugueses reduzidos a lugares communs*.

Além disso, JL foi um dos primeiros a valer-se de mídia eletrônica em suas pesquisas e investigando no “Oxford English Dictionary” e “Diccionario de la Real

Academia” conseguiu elaborar as importantes listagens de palavras oriundas do árabe nas línguas inglesa e espanhola.

A penúltima seção é a de “Trabalhos de Documentação”, evocando artigos antigos de JL, muito jovem, no Suplemento Cultural de “O Estado de S. Paulo” e no próprio Estadão.

O livro se fecha com a publicação do referido recente artigo sobre Adélia Prado, não recolhido em *Collectaneae* anteriores.

Recebido para publicação em 24-11-25; aceito em 04-01-26